

## **5a. PARTE — TRANSCRIÇÕES**

## **A SECULAR TRAGÉDIA NORDESTINA**

**Edigar de Alencar**

Sobram os assuntos mas me falta ânimo para abordá-los, diante da tragédia brutal que o Nordeste está vivendo. Talvez dissesse melhor, morrendo. Morrendo e resistindo como no verso do poema de Demócrito Rocha. Nordestino que sou, tenho obrigação, de mesmo neste canto mais adequado a amenidades, deixar aqui o meu comentário, que será minha contribuição moral (que a material eu já fiz) para o resgate da imensa dívida do País com aquela região tão rica de possibilidades e tão castigada por homens e deuses.

Menino, ainda soletrando, já folheava um livro pesado e pungente de Rodolfo Teófilo — História da Seca do Ceará. A tragédia das estiagens demoradas naquelas paragens é problema secular que desgraçadamente põe ao vivo como chaga cancerosa a impotência ou despreparação do homem brasileiro para resolvê-lo.

Grande e comovedora foi a realização da televisão no domingo 18 de setembro. A data merece ser assinalada por haver marcado um feito que dignifica e enobrece, não somente pelo arrojo como pela eficiência no socorro urgente aos desvalidos da grande faixa do Brasil, que vai da Bahia até ao Maranhão, desta vez também atingido pela catástrofe. Admirável o poder da televisão, a pujança, organização e disciplina da Rede Globo, que promoveu talvez a maior convocação de apoio a uma campanha de tal vulto, difícil e complexa, a mais vasta e rápida conjugação de esforços já realizada no País e talvez no mundo para uma prestação de serviço de caráter imediato e especialíssimo. O trabalho da Rede Globo e da LBA, congregado ao extraordinário mutirão, que a distância tornava mais difi-

cultoso, ficará na história nacional como uma das mais impressionantes e eficientes demonstrações de solidariedade humana, na corrida ao encontro do Nordeste esfacelado, faminto, torturado de angústia e padeceres.

Por outro lado, a perfeição da tarefa múltipla em várias frentes, numa ubiqüidade quase milagrosa, deu a todo povo brasileiro a idéia do sertão esqualido, da garrancheira estorricada pelo sol mas elevada para o alto como numa súplica, ou talvez mesmo como uma objurgatória ao céu implacável na sua muda e azulínea indiferença, sem nuvem e apenas pontilhado aqui e ali de urubus insaciáveis. Sertão sem água, com bichos mortos e gente morrendo, sem verde e sem pássaros. E mostrava ainda o estoicismo daquela gente sofrida, que teimava em viver e que ainda sorria da sua própria miséria:

— A gente não tem mesmo nada mais para comer. Acabou tudo...

E a boca desdentada se abria para sorrir ao repórter...

Esses bravos nordestinos que valorizam a espécie humana com que são dignos de melhor sorte, de maior atenção dos homens que podem e mandam.

E a dura verdade é que acima da formidável potencialidade de televisão, da gigantesca atuação da LBA, do estoicismo e da bravura do nordestino flagelado, ficou ressaltado nessa hora emocionante a também formidável incompetência nossa para resolver o máximo problema da nacionalidade — a seca do Nordeste. Se não somos capazes (e temos provado isso exuberantemente) de o resolvermos, que apelemos para o "know-how" estrangeiro. Não seria a primeira vez e nem a última, possivelmente. Para afastar o mar de Copacabana dezenas de metros convocamos em boa hora a técnica de Portugal. E aqui vai citada mais uma vez a extraordinária e magnífica obra de Israel, transformando desertos (e não terras férteis) em celeiros e fontes produtoras de riquezas.

A tragédia nordestina, não a de agora que estraçalha aquela região há cinco anos e que passará como passaram as de 1877, 1888, 1915 e 1919, para não mais citar, a tragédia nordestina é fora de dúvida a maior vergonha do Brasil. Havia

que ser prioritária a sua solução. Sem a qual nada de planos gigantescos e mirabolantes, de Brasília, inclusive a essa incrível usina nuclear de Angra. Que o país se aperceba da sua desídia e cumpra com denodo e persistência seu dever, voltando-se inteiro em busca da solução definitiva para o secular problema que tanto o envilece, empobrece e envergonha.

(Transcrito do "O Dia", Rio de Janeiro, 9-10-83)